

Artigo original

O fisioterapeuta político

Physical therapy and politics

Marcos Antonio Tedeschi

.....

**Fisioterapeuta Estatutário da Prefeitura de São José dos Pinhais, Professor Estatutário da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Professor da Universidade Tuiuti do Paraná e Coordenador de Curso de Fisioterapia da Faculdade Dom Bosco de Curitiba*

Palavras-chave:

Política, fisioterapia, participação.

Key-words:

Politics, physical therapy, participation.

Resumo

Com a atual estrutura do sistema público de saúde brasileiro, a participação do fisioterapeuta no quadro político tornou-se imperativo. Embora mal vista por muitos, a política é o maior agente de transformação da saúde pública, e apenas com a participação efetiva é possível obter espaço em um mundo cada vez mais competitivo. É necessário que cada fisioterapeuta seja um político, como um remador em um barco, pois a participação política é intransferível e a não ocupação de seu espaço sede lugar para outro interessado. Faz-se necessário a formação de fisioterapeutas políticos.

Abstract

With the current structure of the Brazilian public system of health the Physiotherapist's participation in the political picture became imperative. Although bad seen by many, the politics is the largest agent of transformation of the public health and just with the effective and possible participation to obtain space more and more in a world competitive. Necessary is that each Physiotherapist is a politician, as a rower in a ship, because the political participation is untransferable and the non occupation of its space thirst place for another interested. He/she makes himself necessary the formation of political Physiotherapists.

Artigo recebido 4 de junho de 2002; aprovado 15 de julho de 2002.

Endereço para correspondência: Rua Previsto Columbia, 99, Guairá 80630-240 Curitiba PR,
E-mail: tedeschi.marcos@uol.com.br

Introdução

A política para a categoria dos fisioterapeutas no Estado do Paraná e muito outros Estados da União, freqüentemente foi tratada com descaso, coisa de fisioterapeuta obsoleto ou incompetente.

Recentemente, no II Ciclo de Conferências de Fisioterapia da Universidade Tuiuti do Paraná, promovido pelos Acadêmicos de Fisioterapia daquela entidade, em 27/10/2001, fui convidado para participar de uma mesa de debate com o tema “Política, a Fisioterapia, ontem, hoje e o futuro”, trazendo a problemática se é necessário à participação do Fisioterapeuta na política?

Ao escutar os Doutores Professores João Henrique Faryniuk, Luiz Bertassoni Neto, Roberto Cepeda e Marcelo Márcio Xavier, senti uma forte compulsão de fazer este artigo. Acrescentando ao estímulo da Dr.^a Eunice Tokars, iniciei a escrever com o objetivo de colocar uma visão sobre o estágio atual da política na categoria dos fisioterapeutas, principalmente a política dos fisioterapeutas na saúde.

A importância desta temática encontra-se na atual organização e gestão do Sistema Único de Saúde (SUS), hoje municipalizado e orientado a partir das Conferências Municipais de Saúde, regidos por legislação própria, constituída por representantes dos usuários (50%), dos trabalhadores (25%) dos gestores (25%) e fiscalizado por um Conselho Municipal de Saúde, com membros eleitos na Conferência supracitada.

Tem-se como hipótese mais elementar das hipóteses, que só com a participação efetiva da categoria dos fisioterapeutas nas decisões políticas da área da saúde, é que será garantido e ampliado o mercado de trabalho e não na limitação do número de instituições de ensino de fisioterapia.

O objetivo desta escrita é resgatar os conceitos da participação política e relatar algumas atitudes nefastas na gestão de nossa categoria em relação a área da saúde.

A metodologia utilizada será uma forma híbrida entre o método estruturalista e o bibliográfico. O estruturalista desenvolvido por Lévi-Strauss [8], onde investiga um fenômeno concreto, eleva-se a um nível abstrato com a construção de um modelo (onde insiro o bibliográfico) e retomá-se ao concreto.

Participação política

Até há pouco tempo, a massa moderna era industrial [1] proletária, com idéias e padrões fragmentados. Procurava dar sentido a sua existência, lutavam em bloco por melhores condições de vida e pelo poder político.

Crete no futuro, mobilizava-se para grandes metas, através de sindicatos e partidos ou apelos nacionais, com participações profundas. Os profissionais autônomos, neste momento, ficando a reboque das grandes categorias profissionais assalariadas.

A massa pós-moderna, no entanto, é consumista, classe média, flexível nas idéias e nos costumes. Vive no conformismo em países sem idéias, seduzida e atomizada pela mídia, querendo o espetáculo do prazer do consumo, de bens e serviços no lugar do poder.

Mas, quem somos nós? Confesso que nenhum de nós fisioterapeutas saberia responder exatamente a essa pergunta. Só afirmar que não importa os rótulos nos atribuídos, somos o que produzimos e participamos [4].

Como cita Medina [3], *“nas carreiras profissionais, por exemplo, é fácil observar uma ampla tendência à formação de especialistas, em detrimento de uma formação mais generalizante, em quase todos os setores da atividade humana. Por consequência, sabe-se mais e mais sobre o particular sem, contudo, avançarmos no sentido de um melhor entendimento de totalidade dos fenômenos humanos e universais”*, e incluo aqui a participação política como elemento totalizador da atividade profissional.

Chauí [5], relata que a história é a práxis¹ e que o *“aspecto fundamental da existência histórica dos homens é a ação pela qual podem reproduzir as relações sociais existentes, ou transformá-las, seja de maneira radical ou parcial”*. Assim, somos o que reproduzimos. Quando não participamos sistematicamente da política de saúde, criamos um paradigma de que isto não é coisa para fisioterapeutas e esperamos sermos reconhecidos pelas grandes obras (tratamentos e recuperações) que realizamos.

A política muito trabalhada por Aristóteles [6], onde se utiliza a obra República de Platão, para atribuir a necessidade natural da cooperação entre todos os membros da sociedade para que o homem, quer como

indivíduo (*zom politicom*), quer como membro da comunidade, consiga satisfazer suas necessidades e alcance a perfeição. É nesse sentido que afirma a origem natural da sociedade e da participação de seus elementos como elemento gerador.

Assim, a palavra política é derivada da palavra grega “*polis*”, que significa cidade, isto é, o lugar onde as pessoas vivem juntas. Logo, política é uma ação em prol do bem comum e imperativa para aqueles que desejem viver e conviver em cidades.

Não se pode admitir profissionais, do nível superior, que não participem das decisões de sua categoria. Esta participação inclui as questões legais, éticas, mercadológicas e outras. Em Dallari [7], para encerrar este raciocínio, tem-se a afirmação de que *“todos os indivíduos têm o dever de participar da vida social, procurando exercer influência sobre as decisões de interesse comum. Esse dever tem, sobretudo, dois fundamentos: em primeiro lugar a vida social, necessidade básica dos seres humanos, é uma constante troca de bens e de serviços, não havendo uma só pessoa que não receba alguma coisa de outras; em segundo lugar, se muitos ficarem em atitude passiva, deixando as decisões para outros, um pequeno grupo, mais atuante ou mais audacioso, acabará dominando, sem resistência e limitações”*.

A fisioterapia brasileira repete a escrita

Nicolau Maquiavel não é só o precursor da moderna ciência política, mas também o antecessor dos fundadores de qualquer forma de administração pública. Ele descreveu de maneira aberta, como um naturalista, como os homens agem com o poder, não como deveriam agir.

A “objetividade” ao escrever a maneira de agir de Duque Cesar Borgia descartou o arcabouço do poder, tornou-o visível, analisável, avaliável. Antes de Maquiavel não se podia ter o fato político examinado com clareza, porque os dados políticos vinham misturados de conteúdos teológicos, éticos e sociais, amálgama que dificultava ver a realidade.

O comportamento dos dirigentes de nossa categoria também sofre pela mesma mistura de considerações morais, religiosas e culturais, o que dificulta separar os galhos das folhas. Para exemplificar nossa atual situação na disputa do

poder na área da saúde com as categorias participantes, é necessário colocar um texto, de autoria desconhecida, muito engraçado que recebi por e-mail, sobre planejamento estratégico que é também uma forma de planejamento político;

“Conta à história que, em 1994, houve uma competição entre as equipes de remo do Brasil e do Japão.

Logo no início da competição, a equipe japonesa começou a distanciar-se e completou o percurso rapidamente. A equipe brasileira chegou à meta com uma hora de atraso. De volta ao Brasil, o Comitê Executivo se reuniu para avaliar as causas de tão desastroso e imprevisível resultado e concluiu:

1) A equipe japonesa era formada por um chefe de equipe e 10 remadores.

2) A equipe brasileira era formada por um remador e 10 chefes de equipe.

A decisão passou para a esfera do Planejamento Estratégico, com vistas a realizar uma séria reestruturação da equipe para o ano seguinte.

Em 1995, logo após a largada da competição, a equipe japonesa logo distanciou-se e, desta vez, a equipe brasileira chegou à meta com duas horas de atraso.

Uma nova análise das causas do fracasso mostrou os seguintes resultados:

1) A equipe japonesa continuava com um chefe de equipe e 10 remadores.

2) A equipe brasileira, após as mudanças introduzidas pelo pessoal do Planejamento Estratégico, era formada por:

- Um Chefe de Equipe
- Dois Assessores de Chefia
- Sete Chefes de Departamento
- Um remador

A conclusão do Comitê que analisou as causas do novo fracasso foi unânime:

O remador é um incompetente !!!

Em 1996 uma nova oportunidade de competir com os japoneses se apresentou.

O Departamento de Tecnologias e Negócios do Brasil pôs em prática um plano destinado a melhorar a produtividade da equipe, com a introdução de mudanças baseadas na nova tecnologia e que, sem dúvida nenhuma, produziria aumentos significativos de eficiência e eficácia.

Os pontos principais das mudanças eram o

“resizing” e o “turn-around” e, sem dúvida, os brasileiros humilhariam os japoneses. O resultado foi catastrófico, e a equipe brasileira chegou à meta três horas depois dos japoneses.

As conclusões revelaram dados aterradores:

1) Mantendo a sua tradição milenar, a equipe japonesa era formada por um Chefe de Equipe e 10 remadores;

2) A equipe brasileira, por sua vez, utilizou uma formação vanguardista, integrada por:

- Um Chefe de Equipe
- Dois Auditores de Qualidade Total
- Um Assessor especializado em “Empowerment”
- Um Supervisor de “Downsizing”
- Um Analista de Procedimentos
- Um Tecnologista
- Um “Controller”
- Um Chefe de Departamento
- Um Controlador de Tempo
- Um remador

Depois de vários dias de reunião e análise da situação, o Comitê decidiu castigar o remador e, para isto, aboliu “todos os benefícios e incentivos em função do fracasso alcançado”.

Na reunião de encerramento, o Comitê, fortalecido com a presença dos principais conselheiros, decidiram: “Vamos contratar um novo remador, mas utilizando um contrato de Prestação de Serviços de Terceiros, sem vínculos trabalhistas, para não termos que lidar com o sindicato, que degrada a eficiência e a produtividade dos recursos humanos”.

Da mesma forma que a equipe Japonesa, nossa categoria precisa de um chefe, que pode ser o presidente do Crefito e/ou Coffito, e muitos remadores, ou seja, muitos fisioterapeutas. A função de remar e colocar a profissão à frente das outras está nas ações e participações dos remadores, ou seja, de cada fisioterapeuta em seu município e/ou esta

Não adianta eleger Deus para presidente do Crefito, da Associação, do Sinfito, da cooperativa, ou outra agremiação, se não houver remadores participando da competição. A ação política é indelegável. Todo fisioterapeuta está obrigado a participar, não adiantando terceirizar suas ações ou participações, pois estas atitudes só deixam nossa categoria cada vez mais atrasada na conquista de seu espaço na área da saúde, assim como na constituição desta nova sociedade.

As alegações... eu não sabia, ninguém avisa, não gosto disto, não entendo nada..., não consegue justificar a falta de participação. Pois, como os remadores, tem que treinar, tem que cumprir sua função, é necessário servir e apoiar seu colega de equipe, tem que procurar as respostas e repassar instantaneamente para seus colegas, visto que estamos no mesmo barco e competindo com as outras profissões e não entre nós.

Assim, é necessário procurar as prefeituras, os Conselhos Municipais de Saúde, Secretarias Municipais e Estaduais de Saúde, informar-se das discussões e das comissões; participar delas (profissionais e Alunos); avisar o maior número de pessoas da categoria, cobrar a sua presença e dos colegas para treinar.

Só com estas atitudes é que poderemos diminuir nossas defasagens em relação às outras categorias e ampliar nossa participação no mercado da área da saúde.

Conclusão

A política é uma das ações mais antigas e brilhantes da existência humana em sociedade, mas ao mesmo tempo mal falada e conduzida por pessoas com pouco domínio sobre este assunto.

Profissionais liberais de nível superior, onde estão incluídos os fisioterapeutas, têm que ter a noção que a política é o ponto de equilíbrio entre as necessidades coletivas e a administração pública, e é exercida por cada cidadão como dever, em respeito a sociedade que lhe mantém, e como direito na inclusão de sua idéias nos destinos desta mesma sociedade de que é responsável.

Assim, a participação na política, principalmente na de saúde, é um comportamento necessário ao futuro da profissão, pois a não participação como “remadores”, torna incerto o futuro do nosso mercado.

Como sugestão, indico a necessidade da existência constante de um canal de informação sobre às políticas de saúde, de preferência eletrônico, e a formação do fisioterapeuta político pelas disciplinas de Epidemiologia e Saúde Pública, História da Fisioterapia, Fundamentos da Fisioterapia, Ética e Deontologia, Cultura e Cidadania e Administração Aplicada.

Referências

1. Santos JF. O que é pós-modernismo. São Paulo:Brasiliense;1995.
2. Codo W. O que é ideologia. Campinas: Papirus;1985.
3. Medina JPS. O brasileiro e seu corpo. Campinas:Papirus;1991.
4. Lakatos EM,Marconi MA. Metodologia científica. Atlas;1991.
5. Chauí M. O que é ideologia. Campinas: Papirus;1985.
6. Costa JS. Averróis: o aristotelismo radical. São Paulo: Ed. Moderna;1994.
7. Dallari DA. O que é participação política. Campinas:Papirus;1983.

II Congresso de Fisioterapia



da Universidade Federal de Juiz de Fora

VI Encontro de Fisioterapia
III Jornada Científica de Fisioterapia

07 a 10 de Novembro de 2002

Centro Cultural Pró-Música
Juiz de Fora - MG

ATENÇÃO: Envio de Temas Livres até 31/07/2002

Informações:

Site: www.dafisio.ufjf.br/2congresso
E-mail: dafisioufjf@hotmail.com
Gerais: Carlos Henrique - (0xx32) 9971.6034
Rachel - (0xx32) 3218.4041
Welerson - (0xx32) 9102.4176

Realização:
Diretório Acadêmico
de Fisioterapia



Apoio:

FACMED

Departamento de Fisioterapia